

Projeções imagéticas: apontamentos poéticos

Imagetic projections: poetic notes

Marianna Stumpp

Brasil

maristumpp@yahoo.com.br

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

UFSM

reibmin@yahoo.com.br

ABSTRACT

This article discusses the principle of image's projection in contemporary art questioning hybridization and tensions / dialogues generated on contact with the support of the image projection and also aspects of participation in the work of the observer. By comparison with works by artists, is detected and connection points that allow differentiation reflect my poetry.

KEYWORDS: Arte Contemporânea; Projeção; Imagem; Poética.

Este artigo aborda o princípio da projeção de imagens na arte contemporânea questionando a hibridação e as tensões/diálogos gerados no contato da imagem com o suporte de projeção. Através de comparação com trabalhos de artistas, detectam-se pontos de conexão e de diferenciação que permitem refletir minha poética.

O desafio dos artistas contemporâneos é lidar com as novas possibilidades tecnológicas, com o intuito de multiplicar suas possibilidades estéticas. Com os computadores, redes de telecomunicação (TV e satélites) e projeção de imagens abrem-se infinitas possibilidades que instigam as fronteiras entre a arte e tecnologia na criação. As obras resultantes destes processos ocasionam mudanças nas relações entre imagem e objeto, entre o objeto e o sujeito, entre o sujeito e a natureza. Os limites da criação artística diluem-se e requerem por parte do artista, novas posturas reflexivas decorrentes dos processos perceptivos ocasionados pela tecnologia.

Percorrendo fronteiras no campo da arte contemporânea encontram-se as tensões geradas entre a imagem e o suporte através da sobreposição de ambas com o recurso da projeção multimídia. Estas tensões ocasionadas pelo

contato entre o físico e o digital produzem hibridações que modificam esteticamente o suporte e a imagem através da projeção luminosa. Com relação ao caráter híbrido explorado na contemporaneidade, Rey (2002) aponta que:

“A instauração da obra pressupõe, em muitos casos, operações técnicas e teóricas bastante complexas, abrindo margem considerável a cruzamentos e hibridismos tanto de conhecimento quanto de procedimentos, tecnologias, matérias, materiais e objetos, algumas vezes inusitados”. (REY, 2002, p. 125)

Neste contexto, entende-se que a arte parece direcionar-se cada vez mais para a hibridação entre seus componentes. Para Couchot (2003, p. 265): *“a arte atual continua a se insurgir contra todo tipo de especificidade exclusiva e a se abrir a todas as técnicas, a todos os cruzamentos possíveis entre essas técnicas, e a todas as experiências estéticas”.*

A projeção de imagens apresenta-se como recurso amplamente explorado nas poéticas contemporâneas. Ao problematizar a questão da hibridação entre meios e materiais, traz novas percepções a respeito do espaço, da imagem e do observador.

Projeções e poéticas

Para Barros (2007) os primeiros artistas a investigar a luz, no surgir da eletricidade, foram os artistas do Futurismo e da Bauhaus. Noholy-Nagy chegou a sugerir a criação de uma “Academia de luz,” onde seria possível unir o conhecimento científico à busca estética. A autora complementa que, paralelamente ao minimalismo, outro grupo, denominado pelos críticos como *Light and Space Art*, surgiu na Califórnia, no qual a percepção do fenômeno era o produto final e não o objeto. A interação luz-espaco foi estudada de maneira totalmente nova, através do desenvolvimento de trabalhos desmaterializados, onde predominava a densidade luminosa, seja de origem natural ou artificial. Dois nomes importantes dessa arte eram Robert Irwin e James Turrell.

A chamada Arte da Luz, segundo Barros (2007), cujo material é a fonte elétrica de luz, originou-se devido à mudança perceptiva do público, de uma maneira de pensar mecânica para a técnica, e também pela mudança na abordagem dos artistas que deixaram de adequar a luz à pintura e à escultura explorando possibilidades novas ainda não reconhecidas como arte.

Para Rauscher (2005), o artista húngaro László Moholy-Nagy (1895-1946) foi um dos primeiros artistas a se apropriar da luz e questionar sua materialidade. Para o artista a luz estava associada não apenas a ideias estéticas como também ao conhecimento, à consciência, a ideias transcendentais a sua própria psicologia. Sobre o trabalho *modulador espaço-luz* de Moholy-Nagy caracteriza-se como um híbrido entre escultura e projetor: “*ao iluminar-se e fazê-la girar, a escultura projeta uma série de sombras e de formas, que são capazes de descrever todo um espaço ambiental ao seu entorno*”. (RAUSCHER, 2005, p.343). A artista coloca que a obra considerava a relação entre a luz, o espaço e o espectador. Ela abriu caminho às obras as quais a luminosidade corresponde à interpretação dos fenômenos luminosos visualizados. O sentido do trabalho do artista não está nas características formais, mas no que elas são capazes de produzir no espaço.

Para Tedesco (2009), Moholy-Nagy foi influenciado pelos construtivistas russos e pela arquitetura moderna e criou um programa denominado *Nova Visão* sendo que no primeiro livro deste programa definia a fotografia como outro meio de ver o mundo e a câmera como um complemento de aperfeiçoamento do olho humano. (Fig. 1)

Assim como Moholy-Nagy, o artista norte-americano James Turrell (1943) também se interessou em trabalhar com a luz. Para Rauscher (2005) o artista utilizava a luz não para revelar objetos, mas sim ela própria como uma espécie de revelação evidenciando o jogo ótico e espacial.



Fig.1. László Moholy-Nagy, “Modulador espaço-luz”, 1922-1930. Fonte: RUSCH (2006,p.15).

Barros (2007) enfatiza que na arte contemporânea novas técnicas e conceitos de criar arte com a luz foram introduzidos através das descobertas científicas da óptica, da eletricidade e das novas tecnologias digitais.

A artista brasileira Elaine Tedesco (1963) trabalha com projeção de imagens sobre superfícies escolhidas em áreas urbanas, entre outros. Na série *Sobreposições Imprecisas*, Tedesco cria primeiramente imagens feitas com diapositivos de dupla exposição fotográfica, os quais resultam numa sobreposição de elementos. Através de projeção de luz sobre ruas e construções sombrias, as imagens instalam-se no contexto da cidade e durante o breve tempo em que são expostas, tornam-se indissociáveis dele.

As imagens projetadas na obra de Elaine Tedesco criam uma atmosfera de magia e sonho na medida em que o espectador diante das projeções confunde-se sobre o que é imagem projetada e o que é a arquitetura usada como fundo para projeção.

Outra artista que trabalha com projeções de luz no espaço urbano é a brasileira Regina Silveira (1939). Conforme Tedesco (2009), o trabalho *Transit* (2001) trata da projeção de uma imagem de uma mosca azul em grandes dimensões e em movimento nas ruas de São Paulo. Caracteriza-se como uma intervenção urbana ao ser projetado sobre fachadas de grandes edifícios.

Diferentemente de Regina Silveira que projeta luz e esta cria uma forma, em minha poética as projeções são imagens-luz e exploram o espaço arquitetônico interior originando reflexões acerca de sua inserção e relações entre imagem, observador e seu entorno. Assim, outro espaço e tempo constituem-se no momento da projeção.

Ao projetar as imagens no espaço surgem novas geometrias ocasionadas pelas deformações através dos ângulos que o próprio espaço fornece.

Os artistas citados anteriormente trabalham com projeções no espaço urbano. Nesse contexto criam novos cenários na arquitetura associando também a oposição entre claro e escuro por serem imagens projetadas no período noturno. As luzes iluminam fachadas, muros, revelando detalhes muitas vezes despercebidos pelas pessoas propondo novas espacialidades.

Diante do contexto da arte e tecnologia, relacionados a minha poética, pontuam-se as tensões entre o objeto físico e a imagem. Estas tensões vêm a encontro do caráter híbrido explorado na contemporaneidade.

Segundo Santaella:

“São muitas as razões para esse fenômeno da hibridação, entre as quais devem estar incluídas as misturas de materiais, suportes e meios, disponíveis aos artistas e propiciadas pela sobreposição crescente e sincronização conseqüente das culturas artesanal, industrial-mecânica, industrial-eletrônica e teleinformática”. (SANTAELLA, 2003, p.135)

Os elementos utilizados em minha poética (imagens projetadas e suporte físico - couro de animais) hibridizam-se no momento da projeção constituindo novas peles imagéticas no momento em que foram sobrepostos. Ocorre uma transformação em ambos os elementos, as luzes da projeção modificam o couro e este com sua textura e cor interfere na imagem projetada.

Na videoinstalação com projeção de imagens *“Hibridaimagem”* (2012) utilizo pedaços de couro suspensos verticalmente que servem de suporte para as projeções. Para Giannetti (2006) o campo das videoinstalações compreende as instalações com videoprojeção sendo que sua principal característica é estabelecer relações com o espaço. As videoinstalações apresentam caráter efêmero ou transitório, sendo que não é concebida como permanente, pois se adaptam a cada espaço, integrando objetos e ideias.

Para a concepção da obra *“Hibridaimagem”* foram dispostos quatro projetores na frente dos suportes, sendo que entre os pedaços de couro, a imagem projetada transborda para fora do suporte, ocasionando vazios, os quais constituem espaços de circulação dos observadores. Essa dinâmica permitiu que o

espectador sentisse a imagem tocando também em sua pele, no momento em que se encontra passando por entre os pedaços de couro. As luzes das projeções serviram também para revelar aspectos do couro como as dobras e os recortes operando transformações nas imagens e no suporte. A projeção apresentou-se como recurso de ampliação e deformação da imagem permitindo justaposições entre a imagem e o suporte. O objeto artístico desenvolvido define-se como híbrido pois associa imagens projetadas e suporte entre eles: manequim, pedaços de couro, paredes e piso de um espaço. A hibridação ocorreu também no momento da projeção instalada sobre o suporte, como imagem que adere à uma superfície.



Fig. 2. *“Hibridaimagem”*, 2012. Instalação. Couro e imagens projetadas. Fotografia digital. Sala Claudio Carriconde, UFSM- Santa Maria.

Na proposta da obra *“Hibridaimagem”*, o conceito de fronteira adquiriu conotações poéticas norteando o processo de desenvolvimento do trabalho. As considerações do filósofo Certeau (1996, p.213) sobre a fronteira como *“um espaço entre dois”*, um paradoxo, serviram de fundamentação teórica /conceitual para conectar os elementos entre si. Associado ao couro/pele, a fronteira representa o limite, a margem do corpo. O paradoxo estabeleceu-se no momento da projeção onde as imagens aderem ao limite (couro) porém não juntam-se à ele. Esta aderência possibilitou a comunicação, o diálogo e as trocas, na medida em que promoveu modificações nas cores, nas formas e também outras percepções e tensões deflagradas pela associação dos elementos.

“Hibridaimagem” (2012) representa uma quebra de fronteiras ao romper as especificidades das linguagens artísticas. Traduz zonas de coexistência, encontros, conexões entre os elementos. A hibridação entre materiais, imagens, recursos tecnológicos promoveu no momento da projeção, tensões e diálogos entre os elementos juntamente com a descoberta do espaço pelo espectador. A poética torna-se um lugar de ressignificações, descobertas que convidam o espectador a explorar e desvendar seus espaços promovendo uma interação entre corpo e ambiente.

Através de exemplos e comparações com os trabalhos de artistas contemporâneos, pode-se constatar como o recurso de projeção de imagens é empregado na composição de poéticas artísticas compondo ambientações híbridas.

O amplo universo da arte contemporânea e da tecnologia revela na hibridação a quebra de especificidades de linguagens e fronteiras permitindo o cruzamento de elementos e ideias. Neste contexto, percebe-se nas projeções de imagens, um recurso poético capaz de redefinir as relações entre imagens e materiais proporcionando novas soluções formais e conceituais.

Referências

BARROS, A. 2007. *Luz da Luz*. Acesso em fevereiro de 2012, de <http://www.revista.art.br/site-numero-07/trabalhos/3.htm>

CERTEAU, M. 1996. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

COUCHOT, E. 2003. *A tecnologia na arte: da Fotografia à Realidade Virtual*. Porto Alegre: UFRGS.

GIANETTI, C. 2006. *Estética digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*. Belo Horizonte: c/Arte.

RAUSCHER, B. 2005. *Imagens do corte: desdobramentos operatórios em imagens impressas e projetadas*. Acesso em abril de 2011, de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7763>.

REY, S. 2002. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. Em, B. BRITES e E. TESSLER (Eds.), *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas* (pp. 123-140). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

RUSH, M. 2006. *Novas Mídias na arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes.

SANTAELLA, L. 2003. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.

TEDESCO, E. A. A. 2009. *Um processo fotográfico em sobreposição no espaço urbano*. Acesso em julho de 2011, de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17034>